

"AQUELES DOIS": RETRATOS DA VIVÊNCIA HOMOAFETIVA EM CAIO FERNANDO ABREU

MYRNA ANDREZA DA SILVA ALVES

Mestranda em Letras - literatura, teoria e crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É também graduada em letras-português pela mesma instituição de ensino, myrna10_pb@hotmail.com;

JOSÉ PAULO ALEXANDRE DE BARROS JÚNIOR

Mestrando em Letras - literatura, teoria e crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É especialista em gênero e sexualidade, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) e Graduado em Letras Inglês da Universidade de Pernambuco (UPE), josepauloj08@gmail.com;

RESUMO

A identidade sexual se constrói de modo singular, cada sujeito a vivencia de modo diferente e todas elas devem ser compreendidas, socialmente aceitas e a valorizadas, porém infelizmente sabemos que a realidade não é essa. Pensando nesse contexto, tendo em mente que a literatura tem o poder de abranger diferentes áreas, dar visibilidade a questões que muitas vezes são escanteadas, consegue passar para o leitor diferentes tipos de sensações, até mesmo representatividade, este trabalho nasceu a partir do seguinte questionamento: como em contos de Caio Fernando Abreu a temática da homossexualidade masculina é retratada a partir dos estudos de Trevisan? Para tais discussões recorremos a obra “Aqueles Dois”, que compõe *Morangos Mofados* (1982), de Caio Fernando Abreu. Um livro que trata de temas como preconceito, marginalização, desrespeito e intolerância às diferenças, em uma época na qual se tem uma postura ideológica muito forte. Conseguimos ver no conto, reflexões sobre a condenação de pessoas que não vivem como as demais e que sob a ótica do conservadorismo, excedem a normalidade, os valores morais e que por isso devem ser “contidas”. Abreu sensibiliza seus leitores com questões sensíveis, utilizando a literatura como um meio de desvendar as raízes do preconceito em nossa sociedade, contribuindo para erradicar a intolerância e ajudar na luta de conscientização da diversidade sexual.

Palavras-chave: Homossexualidade. Conto. Caio Fernando Abreu.

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que cada ser humano é um indivíduo diferente, seja na aparência, religião, naturalidade ou até mesmo na orientação sexual. A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, sendo um traço íntimo e da totalidade como pessoa. Pensando nesse contexto, como graduada do curso de Letras-Português pela Universidade Federal da Paraíba, sempre considerei todo texto literário válido, seja em questão de gênero narrativo ou da orientação sexual que o contexto em si apresenta. A literatura tem o poder de abranger diferentes áreas, dar visibilidade a questões que muitas vezes são escanteadas, passar para o leitor diferentes tipos de sensações, até mesmo representatividade. Refletindo nesse contexto, trabalhar com orientação sexual indefere de gênero, podemos ter homens estudando homossexualidade feminina, assim como mulher estudando homossexualidade masculina.

Entrando no quesito “termo”, podemos ter diversas orientações sexuais, que diz respeito à atração afetiva ou sexual do indivíduo, as mais reconhecidas na sociedade são heterossexuais (pessoas que sentem atração por alguém do sexo oposto), homossexuais (pessoas que sentem atração por alguém do mesmo sexo) e bissexuais (pessoas que sentem atração por ambos os sexos). Segundo Trevisan (1986, p. 37) “por mais daninha que essa categorização possa ser, enquanto restritiva e negativa, trata-se de um instrumento linguístico”, ou seja, sempre há uma categorização para referir a algo ou a alguém.

Graciela Haydée pontua que “a homossexualidade refere-se à situação na qual o interesse e o desejo sexual dirigem-se a pessoas do mesmo gênero. É uma das possibilidades verificadas de manifestação da sexualidade e afetividade humana” (2018, p. 12). Essa manifestação pode ser vista como uma energia motivacional que nos impulsiona a procurar o amor, contato ou intimidade com o outro. A questão que gera “estranheza”, talvez, esteja na relação entre pessoa do mesmo gênero. A homossexualidade, como podemos compreender, a partir de Haydée, tem como fator à atração por gênero semelhante. Esse desejo de semelhante, na nossa compreensão, é o que tem ajudado a contribuir para, digamos, a não aceitação dessa classe, por meio da sociedade ao longo da história.

Pensando nesse ponto, é necessário situar sobre como se deu a homossexualidade em nossa sociedade. Sabemos que, durante boa parte da

história da humanidade, a Igreja católica influenciou bastante em relação à vida pessoal daqueles que seguiam seus mandamentos por escolha própria ou por obrigação, sendo a homossexualidade nesta religião algo inaceitável.

O livro *Homossexualidades e Perversão na Psicanálise*, de Graciela Haydée, se refere a isso de tal forma: “Com o advento do cristianismo, a homossexualidade passou a ser uma prática condenada, considerada pecado abominável, como mostram várias passagens da Bíblia (2018, p. 14)”. Como podemos observar na citação, por muitos séculos a relação entre pessoas de mesmo sexo era criticada e proibida pela religião. No entanto, ao decorrer do tempo, a homossexualidade tem assumido grandes representatividades, a exemplo do enfretamento de autores como Cassandra Rios e Caio Fernando Abreu à Ditadura Militar no Brasil, nas décadas de 60 e 70. No século XXI, as paradas gays, no Brasil, por exemplo, têm tomado proporção Nacional e Internacional, assim como a própria Religião Cristã tem, por meio de religiosos menos conservadores, a exemplo do Papa Vigente, assumido novas posturas em relação à homossexualidade.

No entanto, em diversos períodos da história, a relação entre pessoas de mesmo sexo era considerada repugnante por grande parte da sociedade. Tal repugnância era tanta que se tornou um valor ideológico comum das épocas em que os valores cristãos predominavam, chegando ao ponto da prática homossexual ser considerada, em certos períodos, crime. Isso é possível, pois ao lermos um levantamento realizado pela ILGA¹ (Associação de Lésbicas, Gays, Bissexuais Trans e Intersexuais), foram analisados a legislação de 193 países, revelando que, em 70 países deles, possuem leis explícitas condenando a homossexualidade como crime. Esse pensamento não foi só da igreja, mas na própria psicanálise, como podemos perceber nessa citação:

Na psicanálise, a homossexualidade, assim como outras manifestações não convencionais da sexualidade e da identidade sexual, confunde-se permanentemente com a perversão, não conseguindo estabelecer a suficiente distância, necessária para o pensamento científico, da opinião geral, carregado de mitos ou ideias preconcebidas em relação a este tema (HAYDEÉ, 2018, p 15).

1 É uma federação mundial que congrega grupos locais e nacionais dedicados à promoção e defesa da igualdade de direitos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo em todo o mundo. Disponível em: <<https://www.ilga-europe.org/>>

Como referido, durante muito tempo a homossexualidade foi entendida como imoralidade, sendo inadmissíveis duas pessoas do mesmo sexo estar juntas de alguma forma. Constatamos no decorrer da história a existência de uma sociedade “heteronormativa”, isto é, a valorização da heterossexualidade como um padrão vigente a ser postulado e estimulado sociedade como a regra, desse modo, uma predominância da sexualidade.

1.1 Homossexualidade: algumas considerações históricas

O conceito que hoje tem-se de homossexualidade sequer existia na antiguidade, trata-se de um anacronismo conjecturar que tal conceito era vigente nas antigas civilizações, o que não significa dizer que as relações entre pessoas do mesmo sexo não aconteciam. Conforme Andrade (2017), na Grécia Antiga a relação homoerótica entre um homem maduro e um jovem era considerada uma prática pedagógica. Logo, a civilização grega traz à tona que as práticas sexuais entre homens eram comuns ao cidadão grego. No entanto, tais relações não eram vistas enquanto libertinagem, pois a prática homoerótica representava um ritual, uma transferência de conhecimento que o efebo² teria que vivenciar para tornar-se um cidadão íntegro. Sendo assim, é importante que ressaltemos que a sociedade grega não existia essa distinção entre desejo e comportamento sexual, portanto, é inconcebível a concepção que temos atualmente sobre a heterossexualidade e homossexualidade, ideais e distinções concebidas posteriormente a essa época. (ANDRADE, 2017).

Na Grécia Antiga os valores morais até então vigentes não consideravam a pedagogia do *erastes*³ uma forma de homossexualidade, como também sequer existia o sujeito homossexual em tal contexto social. Ou seja, esse tipo de relacionamento só era aceito quando visto como uma forma de pedagogia e não como uma relação amorosa entre homens. O que bem sabemos é que a vida da sociedade grega, seja em relações ao sexo de gênero equivalente ou divergente, os vínculos eram condicionados pelos protocolos sócio-políticos da época, designando desde a triagem dos seus

2 Conforme Corino (2006) em *Homoerotismo na Grécia*, o termo efebo trata-se de adulto que tem uma preferência sexual por adolescentes pubescentes ou pós-pubescentes. O efebófilo pode ser de ambos os sexos.

3 Conforme Corino (2006) em *Homoerotismo na Grécia*, o termo *erastes* trata-se de um homem aristocrata envolvido em um relacionamento com um adolescente do sexo masculino.

parceiros, até a consumação do ato sexual. E para além disso, a sua vivência sexual era por vias de regras um assunto transparente e universalizado ao público, passível de ser pleiteado politicamente quanto à sua moralidade.

Os múltiplos hábitos sexuais apresentariam um atrito direto com as concepções moralistas atuais, escandalizando principalmente a mentalidade cristã, como a pederastia, o ato de homens velhos se relacionarem com os jovens precocemente. Os primeiros textos que noticiam sobre as severas punições em torno das práticas homoafetivas apontam em principio o século VI d.C., cuja lei é de autoria de um imperador cristão, punindo os homens que praticavam a homossexualidade à pena de morte, em termos foi tratado do mesmo modo que adultério. Contudo, nota-se o quanto “a sociedade Grega possuía uma liberdade sexual, referindo-se à sexualidade masculina que nos dias atuais muitos lutam para alcançar” (ANDRADE, 2007, p. 55).

De acordo com Dover (2007) conforme citado por Andrade (2017): “o filósofo Sócrates era adepto do amor homossexual e afirmava que o coito anal correspondia à melhor forma de inspiração”. Sexo assim, o sexo heteronormativo seria em prol de gerar uma prole, enquanto o amor entre homens representaria uma forma de adquirir atributos.

Segundo Andrade (2017), a cultura sexual é um conjunto de regras e padrões apreendidos por indivíduos em uma sociedade. Tal cultura sexual delimita aquilo que é “certo” ou “errado”, conseqüentemente delimitando um modo padrão de se relacionar sexualmente, conforme parâmetros como parentesco, idade, entre outros. Segundo o Ministério da Saúde no Guia de prevenção das DST/AIDS e cidadania para homossexuais (2002, p.25) citado por Andrade (2017, p.61):

[...] na nova Guiné entre os Baruia, o sexo oral entre homens de diferentes gerações e status é uma regra social e culturalmente aceita. Nesse grupo cultural existe a crença de que a energia vital é transmitida pelo esperma. Dessa forma os homens mais novos, assim como as mulheres devem ser alimentados pelos homens mais velhos com essa energia.

Como demonstrado, a prática sexual ritualística dos Baruia nos faz refletir que não são práticas sexuais que definem aquilo que hoje conhecemos como homossexualidade. Porém, a sociedade delimita o que é aceitável ou não mediante um olhar cultural para determinados atos e vivências. Pois, práticas sexuais como as dos Baruia, ocorreram ao longo do tempo sem que os indivíduos envolvidos em tais atos fossem vistos socialmente enquanto homossexuais.

Segundo Brandão (2002, p.15) citado por Reinke, Schemes, Magalhães, Keske (2017), “a palavra homossexualidade foi usada pela primeira vez em 1869, em uma carta dirigida ao Ministério da Justiça da Alemanha”, no intuito de defender pessoas que se relacionavam com indivíduos do mesmo sexo, que eram vítimas de perseguição política.

No século XIX, a palavra usada para denominar homossexuais era a palavra “invertido”, termo que estava ligado a uma ideia de feminização (SANTOS, 2008, p. 06), ou seja, a uma ideia de abnegação da masculinidade. Assim, o homossexual era visto como não sendo homem, portanto um ser errante que destoando dos padrões de gênero da sociedade. Este fato traz à tona a reflexão sobre os padrões de gênero impostos pela sociedade. Segundo Butler (2003), o gênero é performático⁴, não se trata de algo imutável. A noção de gênero inclui as relações de poder que ocorrem na sociedade. A matriz cultural regula a sexualidade, ao determinar que certas identidades seriam errôneas e ao determinar que algumas práticas do desejo não seriam coerentes com determinado sexo.

Para compreender a ideia que hoje a sociedade tem da homossexualidade é preciso conhecer o processo histórico que gerou a ideia dessa condição como perversão, libertinagem, patologia, entre outras ideias negativas que se tem hoje do tema. Segundo Reinke, Schemes, Magalhães, Keske (2017) na sociedade espartana as relações entre eram lidas socialmente como uma forma de forjar um guerreiro para a peleja, moldando-o para o combate. Sendo assim, é possível entender que o olhar cultural para determinado ato delimita aquilo que é correto, deste modo relações homoeróticas não eram vistas como relações errantes, e sim como algo que engrandecia o homem enquanto homem, não deturpando sua virilidade. Da mesma forma, no contexto ateniense, a relação entre um homem mais velho, o *erastes* e um adolescente, o *eromenos*⁵, era conhecida como *paiderastia*⁶, nessa forma de educação toda a virtude do erastes, seria passada para o eromenos, através da convivência e enlace carnal entre os dois.

4 No livro *Problemas de gênero*, Butler (2003) reflete que o gênero como performativo indica que não há essência ou identidade nos signos corporais, e propõe pensar sobre três dimensões contingentes da corporeidade: sexo anatômico, aquele dado pela biologia; identidade de gênero e performance de gênero.

5 Conforme Corino (2006) em *Homoerotismo na Grécia*, o termo eromenos trata-se de um adolescente do sexo masculino envolvido em uma relação amorosa com um homem adulto.

6 Conforme Corino (2006) em *Homoerotismo na Grécia*, o termo efebo trata-se de paideerastia designa o relacionamento erótico entre um homem e um menino.

Segundo Reinke, Schemes, Magalhães, Keske (2017, p.280): “[...] em Roma o ato homossexual era permitido e expressava a virilidade masculina, entretanto o cidadão livre ou o guerreiro não poderia ser passivo na relação sexual, pois essa condição era imposta aos escravos que serviam aos seus senhores”. Como dito, a forma como os atos sexuais ocorriam entre os homens no mundo greco-romano revelam intrínsecas relações de poder, logo em Esparta a relação sexual ocorria de forma *femoral*⁷, ou seja entre as coxas, o que significa dizer que havia uma padronização do ato sexual para que houvesse a virilidade masculina não fosse deturpada. Como também na pedagogia do *erastes* o jovem eromenos deveria ao atingir a idade adulta casar-se em prol de garantir a geração de uma prole.

Pode-se definir a Idade Média como um marco na mudança de visão no que concerne à homossexualidade. Segundo Andrade (2017, p. 60), “o advento do cristianismo provocou a censura da homossexualidade, o fim da pederastia grega, e a instauração da homofobia que por séculos vem caracterizando as sociedades ocidentais”. A devido à influência da Igreja Católica, que era intrinsecamente ligada ao Estado, houve uma imposição dos dogmas religiosos, destarte o sexo deveria ser voltado para a procriação, o que fez com aquilo que hoje se conhece por homossexualidade fosse visto como imoralidade. O que constatamos, adentrando-se ao período Medieval, é que, descontinuamente da Antiguidade Clássica, os vínculos homoafetivos foram, paulatinamente, sendo percebidos pela sociedade como um ato profano, contra a ordem do divino.

Tal concepção é cristalizada na sociedade por influência direta da força da instituição religiosa naquela época, como fonte centralizadora do poder, desempenhando perante o corpo social. Posto isso, nos séculos que integram o Medievo e como resultante do controle centrado em uma única instituição, é concebível reiterar que o domínio dos corpos e do comportamento humano face a libido foi sacramentando a partir de um aparato discursivo vinculado ao pecado e à salvação do indivíduo, e a homossexualidade, no que lhe concerne, como uma anormalidade do ser, associado à perversão, é portanto, escanteado às margens da sociedade, condenando-o à danação, isto é, ao local para onde vão os pecadores, lugar dos impuros para martírio. O ato sexual era desaprovado pela igreja, somente sendo permitido no

7 Segundo o site Kenhub acerca da anatomia humana, o termo femoral vem «do lat[im] *femorāle*-, “da coxa”». <https://www.kenhub.com/pt>

âmbito da perpetuação da espécie, procriação entre o varão e a esposa após os laços matrimônios pré-estabelecidos pela graça religiosa.

Portanto, o ato sexual dissociado da ideia de perpetuação da espécie passou a ser entendido como pecaminoso, transviado, aberrante, ou seja, algo contra os desígnios das Sagradas Escrituras que regem o cristianismo. Durante a chamada Idade das Trevas as práticas homoeróticas foram perseguidas pelo Tribunal da Inquisição e os sujeitos que as praticassem poderiam ser punidos com a morte.

Tendo em mente que representações sociais são “uma organização de opiniões, atitudes, crenças e informações determinadas pelos sujeitos” (ABRIC, 2001, p. 160), seu contexto pode variar de lugar, época e costume, com a temática homossexualidade. Sua representação pode variar entre extremos, como sendo vista como um ato pedagógico, formas de requerer tributos e até sendo considerado crime, sujeito a pena de morte. Essa pluralidade de relações se diferencia nos âmbitos político, cultural, social e econômico. O que se faz necessário entender é que a identidade sexual se constrói de modo singular, cada sujeito a vivencia de modo diferente e que todas elas devem ser compreendidas, socialmente aceitas e a valorizadas.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente trabalho é constituída pela pesquisa bibliográfica, que se trata de “busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema da pesquisa” (MACEDO, 1994, p. 13), ou seja, informações que tenham uma relação de similaridade com a temática que será estudada. Para a análise a obra selecionada foi “Aqueles dois” do escritor Caio Fernando Abreu, e o estudioso João Silvério Trevisan, que norteará as principais abordagens deste trabalho acerca da temática homossexualidade. Para isso faz-se necessário entender um pouco mais sobre os autores e a obra.

Caio Fernando Abreu foi um escritor, dramaturgo e jornalista brasileiro. Três vezes ganhador do “Prêmio Jabuti de Literatura” (1984, 1989 e 1996), o mais importante prêmio literário do Brasil. Viveu na época da ditadura militar, onde havia uma rígida censura aos diversos meios de comunicação e também à expressão literária e artística da população. Sendo perseguido pelo Departamento de Ordem Política e Social refugiou-se no sítio da escritora e amiga Hilda Hilst e apesar de todas as dificuldades, o autor continuou a escrever suas histórias, sendo considerado um dos maiores contistas do

país que marcou a literatura do país, trazendo temas como amor, morte, medo, angústia, solidão, homossexualidade.

Em uma época como a vivida pelo escritor, é notória a importância de obras com a temática de cunho homossexual, que ainda não tinha uma visibilidade tão grande como hoje em dia. Caio Fernando Abreu deu representação em vozes através da escrita, batendo de frente com as ideologias enraizadas na sociedade, não apenas escrevendo sobre homossexualidade, mas também literatura homoerótica.

Tendo em vista o contexto apresentado, este trabalho nasceu a partir do seguinte questionamento: como em contos de Caio Fernando Abreu a temática da homossexualidade masculina é retratada a partir dos estudos de Trevisan?

Dentre suas inúmeras obras de Caio Fernando Abreu, temos o livro *Morangos Mofados*, publicado em 1982, considerado a produção que tornou o autor conhecido no país. Este livro é segmentado em três partes: “O mofo”, “Os morangos” e “Morangos Mofados”.

Na primeira parte “O mofo” temos: “Diálogo”, “Os sobreviventes”, “O dia em que Urano entrou em Escorpião”, “Pela passagem de uma grande dor”, “Além do ponto”, “Os companheiros”, “Terça-Feira gorda”, “Eu, tu, ele” e “Luz e sombra”. Na segunda parte temos: “Transformações”; “Sargento Garcia”; “Fotografias”; “Pêra, uva ou maçã?”; “Natureza viva”; “Caixinha de música”; “O dia em que Júpiter encontrou Saturno” e “Aqueles dois”. E por último “Morangos mofados”.

O conto analisado para essa pesquisa é “Aqueles Dois”, encontrado na segunda parte do livro. A história narrada em terceira pessoa, fala sobre Raul e Saul, duas pessoas que passam no mesmo concurso e acabam por dividir a mesma sala em uma firma, tornando-se dois colegas de trabalho, com o tempo, entretanto esta relação aos poucos, acaba se tornando mais que uma amizade. No enredo não se especifica exatamente o local que se passa os acontecimentos, suponhamos que seria no Oeste do Brasil (pois é citado que vinham pessoas do Norte, Sul e Leste), entretanto não há uma confirmação, assim como também não se é relevado o tempo da narrativa. Conseguimos acompanhar o início de uma bela amizade, que com o tempo ultrapassa essa linha tênue para algo maior, mesmo sem ocorrer nenhum tipo de contato físico ou íntimo, uma relação sexual ou sequer um beijo ocorre entre eles. Porém em seus gestos, em suas palavras, é notório o amor que há entre eles. Nessa obra percebemos que Raul e Saul são seres solitários e produtos de grandes desilusões amorosas e profissionais, que vêem um no outro uma

conexão nunca antes sentida, dando início a uma singela relação que causará incomodo às pessoas que estão em sua volta, tornando-os alvos dos mesmos.

Para tais discussões recorreremos a obra “Aqueles Dois”, produção do gênero conto, e compõem o livro *Morangos Mofados* (1982/2018), de Caio Fernando Abreu. O conto supracitado foi escolhido para estudo por refletir acerca das questões que evocam inicialmente as relações homoafetivas. Essa temática é bastante presente nas narrativas do gaúcho Caio Fernando Abreu. Bem mais que uma simplória abordagem que reafirme os estereótipos presentes na homossexualidade, o escritor almeja permanentemente na estruturação das personagens, a averiguação dos conflitos que emergem intrinsecamente em torno da sexualidade e os princípios geradores dos preconceitos, e a sua repercussão em cada indivíduo. Para além de uma arte moralizadora, as suas obras refletem a pluralização e a naturalização da homossexualidade frente a uma sociedade que observa o mesmo como algo negativo. Assim, é necessário produzir reflexões em torno da temática. A problematização manifesta-se para além das próprias definições do que é ser homossexual, partindo da etimologia (significado) da palavra, assim como por meio de uma sociedade segregacionista que se coloca entre o universo homossexual e heterossexual.

O conto “Aqueles dois” será analisado no intuito de compreender as complexidades e questões ligadas à sexualidade, pelos personagens, essa relação se dará mediante aos estudos do escritor pós-modernista João Silvério Trevisan (1944), de modo preciso, em sua obra titulado “*Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil*”. O autor brasileiro escolhido para melhor abordar esse eixo é João Silvério Trevisan, tendo em vista que suas pesquisas não se limitam a um estudo histórico documental. Ele se vale de instrumentos da antropologia e da psicanálise, aborda a religião, analisa o homoerotismo nas artes e na mídia e revela o cotidiano homossexual, através de diversos depoimentos. O estudioso é pioneiro sobre a temática homoafetividade no Brasil, provocando uma intensa interlocução com a comunidade LGBTQI+ e influenciando também pesquisas sobre gênero e sexualidade.

Diante todo o exposto apresentado, acreditamos que o tema “homossexualidade” é extremamente relevante para ser refletido, discutido e problematizado. Na nossa concepção, a temática da homossexualidade deve ser analisada e problematizada na academia por muitos motivos, tais como: 1 – É um tema que contém significativa representatividade no ceio literário,

isto é, há inúmeras obras que abordam essa questão; 2 – É um assunto que envolve direta e indiretamente as relações humanas, portanto está em constante diálogo com a sociedade; 3 – É um tema mais atual do que nunca, visto que a representatividade da comunidade LGBTQI+ tem ganhado espaço nas discussões da sociedade, da política e da economia brasileira. Além disso, a compreender a representação da homossexualidade na Literatura, para o curso de letras e áreas afins, é fundamental para compreendermos o outro que é diferente, assim como colaborar para a formação, através dos textos desenvolvidos, para uma futura sociedade mais consciente e menos preconceituosa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Análise literária: “Aqueles dois”

A homossexualidade está presente em muitas obras literárias de Caio Fernando Abreu, uma delas é “Aqueles Dois”. Nesse conto, de imediato o narrador observador identifica os personagens principais, Raul e Saul, como dois homens da mesma faixa etária, trabalhando na mesma firma e com problemas pessoais e amorosos em suas vidas. Vemos um pouco sobre eles em:

Raul tinha um ano mais que trinta; Saul, um menos. Mas as diferenças entre eles não se limitavam a esse tempo, a essas letras. Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de Arquitetura. (p. 351)

Com base nas informações acima é notória a solidão que os homens sentem, um vindo do Norte e o outro do Sul. O narrador sempre enfatiza bem esses aspectos que os dois têm em comum. Menciona até um “deserto de almas” sobre a vida que levavam. As mulheres da repartição comentavam sobre a beleza deles, fossem elas solteiras ou casadas, todos achavam isto, considerando-os como um bom partido.

Até o prezado momento, ambos recebem um tratamento “comum”, já que eram homens cobiçados no local de trabalho. Do ponto de vista de outras pessoas, ainda não havia nenhuma malícia entre eles. Aos poucos, a relação entre Saul e Raul vai aumentando gradativamente. Fosse em uma saída para o café, conversas sobre músicas ou outros assuntos, até mesmo filmes que assistiam juntos. Porém, em um determinado dia, algo ocorre:

Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. As moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas. (p.353)

A partir do momento que os dois começam a passar muito tempo juntos, as desconfianças dos trabalhadores da firma aumentam, então quando um dorme na casa do outro e chegam juntos, mesmo não tendo ocorrido nada entre eles, já causa um alvoroço entre as pessoas. Diante disso, podemos perceber a veracidade nas palavras de Trevisan (2000), onde se afirma que:

Depositárias dos ideais de tradição patriótica e dos valores patriarcais, as elites brasileiras sempre se apresentam muito defensivas e, por isso mesmo, particularmente vulneráveis ao fantasma do desejo desviante. Tomam-se permeáveis ao pânico homofóbico na mesma proporção com que zelam pela estrita observância das normas morais – “que são aspirações legítimas da família e da sociedade. (p.157)

Diante do exposto, percebemos que mesmo com o avanço do tempo, muitos dogmas ainda estavam/estão enraizados na sociedade. Potencialmente, nós seres humanos, podemos ter uma boa índole, mas também um lado perverso, ainda que este seja “domesticado” pelas leis, religião, moral ou ética. O ato de não falar com eles ou soltar piadas, mostra o quão cruel o ser humano pode ser, dependendo da situação.

Consequência disso, é que afeta diretamente um deles, fazendo Saul ter um sonho: “[...] caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro (ABREU, 2018, p. 353)”. O sonho deixa claro o receio por parte de Saul, receio este fundamentado, pois a sociedade da época ainda era bastante homofóbica e preconceituosa.

Caio Fernando Abreu (2018), consegue mostrar no conto “Aqueles Dois” a relação de duas pessoas (sem distinção de gênero) e como esse amor, mesmo em pequenos gestos podem significar grandes coisas. Exemplo disto no trecho: “Saul estendeu a mão e, quando percebeu, seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente (2018, p. 354)”. Não era necessários grandiosos gestos para captar a ligação entre os dois. Um simples tocar no rosto, um abraço,

um olhar. São atos que demonstram sentimentos, sem necessidade de algo carnal. Vemos uma declaração de amor pela primeira vez de forma pronunciada, sem o uso do “eu te amo”, mas que no contexto significa a mesma coisa, no seguinte trecho:

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa qualquer como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes – ninguém, mundo, sempre – e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e álcool. (p. 354)

É notaria que as palavras acima ditas pelos personagens conseguem demonstrar um amor puro e singelo entre Saul e Raul, retratando apenas a vida de duas pessoas que se amam, mas que por motivos maiores (preconceito, discriminação, violência e afins) não conseguem vivenciar uma relação. Trevisan (2000), pontua essa questão como “aparecer ou não aparecer” sendo um dilema que tem uma série de consequências que são evidentes e apesar do amor entre eles, nenhum acontecimento físico ocorre em nenhum momento do conto, podemos pensar que talvez seria um receio por parte de ambos? Medo das consequências que iriam enfrentar? Da reação das pessoas? Dá para sentir uma pressão muito grande vindo de ambos os personagens. Durante a leitura, o leitor anseia por algo a mais entre os dois, mas fica apenas na expectativa. Tendo até uma ilusão de que algo aconteceria na seguinte cena:

Beberam até quase cair. Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. (p. 354)

No trecho acima é inquestionável o desejo entre eles no presente momento, com a bebida em suas cabeças permitiu uma ousadia maior, porém o medo e receio do que pudesse ocorrer foi maior para ambos. Eles se olham, elogiam-se e deitam cada um em seu lugar, mesmo nenhum dos dois tendo conseguido dormir à noite inteira refletindo. O narrador destaca na manhã seguinte, fundas olheiras no rosto de Saul. Apesar da aflição entre os homens, a consequência chega:

Ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o

chefe foi direto ao assunto. Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração, comportamento doentio”, “psicologia deformada” (p. 355)

A supressa chega para ambos, quando em um dia pela manhã, eles são chamados por seu chefe, como visto acima e os dois acabam sendo demitidos, afirmando que a firma tem uma reputação a zelar e que preza pela moral dos funcionários ali presentes. Funcionários esses que foram os responsáveis pelas cartas anônimas, mesmo nunca tendo presenciado nenhuma prova da relação homoafetiva entre ambos (referido a beijos, cheiros, pegação ou algo do gênero).

Trevisan (2000) nos norteia sobre o comportamento humano voltado a essa questão desta forma: “O ser humano sente-se desamparado diante dos perigos externos e internos que ameaçam continuamente sua segurança, seu conforto e até sua vida (p.316)”. A crueldade humana sempre esteve presente em toda parte histórica desde os primórdios, quando as pessoas se sentem ameaçadas de alguma forma, um lado cruel se revela, mostrando a verdadeira identidade da mesma. A homossexualidade na concepção da época do referido conto é vista como uma ameaça, pessoas que “degenaram os bons costumes e moral publica (TREVISA, 2000, p. 235) e uma forma de prejudicá-los seria atingindo-os desta maneira, com uma atitude como essa.

O narrador finaliza o conto com a seguinte frase “Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram (2018, p. 355)”. Não havia nada de eminente na atitude tomada por aqueles que enviaram as cartas. Deixando claro que o ser humano é capaz de cometer qualquer ato quando algo não é do seu “agrado”, fazendo assim compreender uma frase exposta abaixo do título do conto: “História de aparente mediocridade e repressão”, que a princípio já dá a entender sobre o que irá tratar a temática, mas só temos uma real noção do quão profundas essas palavras significam nesse contexto após a leitura na íntegra do conto “Aqueles Dois”.

Tendo em mente o ocorrido da obra, é notório que “no Brasil, não se tolera uma homossexualidade vivida de maneira aberta e livre da imposição de papéis sexuais (TREVISAN, 2000, p. 87)”, e a referida obra trata exatamente disso, tendo em vista que ainda hoje vemos que situações como essas perpetuam na contemporaneidade, essa imposição ainda rege nossa sociedade com pensamentos retrógrados e infundados. As obras de Caio

Fernando Abreu desmistificam esses paradigmas, dando visibilidade a uma temática ainda tão escanteada.

3.2 Análise Crítica

Em “Aqueles dois” temos homens adultos que em um ambiente de trabalho acabaram se aproximando e tornando-se amigos e a partir desse ponto, novas sensações, antes desconhecidas por eles, acabam surgindo em uma atmosfera caótica. Ao decorrer do conto, o eu-lírico cria uma atmosfera acolhedora, onde aos poucos o leitor adentra em um contexto de rotina maçante, no qual os personagens encontram no outro um suporte para levar e seguir com aquele modelo de vida. Os sentimentos entre ambos vão crescendo gradativamente, e o que era uma bela amizade torna-se algo muito maior. Quando pensando sobre os personagens Raul e Saul, vemos que eles apresentam características similares: homens estudados, seguindo uma mesma rotina sendo padrão de funcionários exemplares, sendo da mesma faixa etária, ambos sofreram com relacionamentos fracassados e possuem até mesmo nomes semelhantes. No decorrer de “Aqueles dois”, passamos toda a obra em expectativa em relação ao que poderia acontecer entre Saul e Raul, que apesar de vários atos que demonstravam todo o amor que sentiam um pelo outro, nenhuma ação física ocorre entre ambos (como beijos ou um ato sexual). Podemos refletir que o medo que tinham com a consequência dos atos era maior que o desejo que sentiam e impediu que eles seguissem em frente. A violência retratada no conto é verbal, aparece por meio de palavras, como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”. No conto também temos referências a arte e música. Em relação a música temos um gato chamado Carlos Gadel, em homenagem a um dos mais famosos cantores de tango da história e Vicentina de Paula Oliveira, conhecida como Dalva de Oliveira, uma consagrada cantora luso-brasileira, em relação à arte uma reprodução do Nascimento de Vênus do pintor Van Gogh. Ressaltando que Caio Fernando Abreu é um autor bastante conhecido dentro da Literatura pós-moderna, a chamada Literatura Contemporânea, no entanto a homoafetiva em suas obras ainda são pouco exploradas, tendo urgência, em valorizar ainda mais a literatura do escritor gaúcho que, sem sombra de dúvida, nos deixou grande contribuição em matéria literária.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa deste trabalho surgiu com a necessidade de se observar como a homossexualidade está representada para muito além de uma arte moralizante, visto que os textos buscam uma perspectiva plural e de naturalização das relações homoafetivas, portanto em contraponto a uma sociedade que tem esse tipo de relação, muitas vezes, como um meio de desvio de conduta moral ou como algo que está ligado ao negativo. Assim, a problematização dessa temática se torna mais que urgente, pois a homossexualidade, nos textos de Caio Fernando Abreu, está manifestada para além do caráter de definição epistemológico ou até mesmo do que é ser homossexual. Nota-se, portanto, uma literatura de contracultura que busca romper com as concepções de uma sociedade segregacionista que se interpõe entre dois universos: o homossexual e o heterossexual. O referido autor tenta quebrar esses paradigmas, além de escrever sobre temas importante para sociedade, ainda faz alusão a obras cinematográficas, livros, contos, músicas e poemas (uma característica recorrente em suas obras), trata de temas como preconceito, marginalização, desrespeito e intolerância às diferenças em uma época na qual se tem uma postura ideológica muito forte, com ideias autoritárias e preconceituosas difundidas no período da publicação do livro.

O livro *Devassos no Paraíso* utilizado na pesquisa foi de grande importância para esta pesquisa, visto que a obra trata de uma retrospectiva a respeito da homossexualidade no Brasil, desde os tempos da colônia até as últimas décadas. Sendo muito interessante descobrir o funcionamento das relações homossexuais nos tempos mais antigos e como isto se relacionou com aspectos sociais, artísticos e políticos em diferentes contextos. João Silvério fez uma pesquisa incrível cumprindo o que promete no subtítulo: “da colônia à atualidade”, além de uma pesquisa muito bem documentada, com relatos e nomes que credibilizam sua narrativa, o escritor, traz sua própria experiência dentro da comunidade LGBTQI+.

Conseguimos ver no conto analisado, reflexões sobre a condenação de pessoas que não vivem como as demais e que sob a ótica do conservadorismo, excedem a normalidade, os valores morais e que por isso devem ser “contidas”, resultando em perdas de emprego (de ambos os personagens). A escrita de Caio Fernando Abreu não é considerada difícil, o autor consegue, por palavras simples e mais próximas da informalidade, cativar e seduzir seu leitor, com todo o trabalho com a linguagem, os elementos modeladores do

texto, e toda sua articulação das palavras em seu acervo de obras, ao mesmo tempo em que ele humaniza e ao mesmo tempo “pertuba”, Abreu sensibiliza seus leitores com questões sensíveis, utilizando a literatura como um meio de desvendar as raízes do preconceito em nossa sociedade, contribuindo para erradicar a intolerância e ajudar na luta de conscientização da diversidade sexual.

REFERÊNCIAS

Associação de Lésbicas, Gays, Bissexuais Trans e Intersexuais. Disponível em: <<https://www.ilga-europe.org/>>. Acesso em 13 de out. 2021.

ABRIC J. C. O estudo experimental das representações sociais. In D. Jodelet (Ed.), **As representações sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2001, p. 155-171.

ANDRADE, Tiago. O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica. **Faces da história**, Assis-SP, v.4, nº2, p. 58-72, Jun.-Dez., 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas Públicas e Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Guia de prevenção das DST/AIDS e cidadania para homossexuais**. Disponível em: <<http://www.saude.ba.gov.br/>>. Acesso em 13 out. 2021.

BRASIL. SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Plano Nacional de Promoção e Cidadania de Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília, DF: SEDH, 2009b.

BRANDÃO, Débora Vanessa Caús. **Parcerias homossexuais: aspectos jurídicos**. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. **Homoerotismo na Grécia Antiga: homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades**. Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação. Rio Grande, 19: 19-24, 2006

HAYDÉE. Graciela. A psicanálise e os modernos movimentos de “afirmação homossexual”. **Psicol. cienc. prof.** vol.19, n..2 Brasília: 1999.

SANTOS, Izaac Azevedo dos. **Narrativas de um adolescente homoerótico: conflitos do ‘eu’ na rede de relações sociais da infância à adolescência.** Rio de Janeiro, 2008.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** 2 ed., s.l., Max Limonad, 1986.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** Ed. revista e ampliada. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.